REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EJA A DISTÂNCIA: PRÁTICAS E CONCEPÇÕES DOCENTES

LEARNING ASSESSMENT IN DISTANCE YOUTH AND ADULT EDUCATION: TEACHING PRACTICES AND CONCEPTIONS

EVALUACIÓN DEL APRENDIZAJE EN LA EDUCACIÓN A DISTANCIA: PRÁCTICAS Y CONCEPCIONES PEDAGÓGICAS

Alcimar José Silva[1], Ozemar da Silva Araújo[2]

e6127011
https://doi.org/10.47820/recima21.v6i12.7011

PUBLICADO: 12/2025

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica sobre a avaliação da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na modalidade a distância. O estudo analisa as concepções e práticas avaliativas adotadas por docentes, os desafios tecnológicos enfrentados e as possibilidades para a construção de uma avaliação formativa e inclusiva. Os resultados indicam que, apesar dos avanços tecnológicos, prevalecem práticas avaliativas tradicionais e somativas, pouco adequadas às especificidades da EJA. Destacam-se também dificuldades ligadas à formação docente e ao acesso dos estudantes às tecnologias digitais. Por outro lado, experiências inovadoras, como o uso de portfólios digitais e a avaliação reflexiva, apontam caminhos para uma avaliação mais participativa e contextualizada. A pesquisa enfatiza a necessidade de ressignificar o papel do professor e de personalizar as práticas avaliativas para promover a inclusão e o sucesso dos estudantes. Conclui-se que a avaliação na EJA a distância deve ser repensada para atender às demandas sociais e pedagógicas desse público.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação da aprendizagem. Educação de jovens e adultos. Educação a distância. Práticas docents. Inclusão educacional.

ABSTRACT

This article presents a literature review on learning assessment in youth and Adult Education (YAE) in the distance education modality. The study analyzes the conceptions and assessment practices adopted by teachers, the technological challenges faced, and the possibilities for building formative and inclusive assessment. Results indicate that despite technological advances, traditional and summative assessment practices prevail, which are not suitable for the specificities of EJA. Difficulties related to teacher training and student access to digital technologies are also highlighted. On the other hand, innovative experiences such as the use of digital portfolios and reflective assessment suggest paths for more participatory and contextualized assessment. The research emphasizes the need to redefine the teacher's role and personalize assessment practices to promote inclusion and student success. It concludes that assessment in distance EJA must be rethought to meet the social and pedagogical demands of this population.

KEYWORDS: *Learning assessment. Youth and adult education. Distance education. Teaching practices. Educational inclusion.*

RESUMEN

Este artículo presenta una revisión bibliográfica sobre la evaluación del aprendizaje en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) en la modalidad a distancia. El estudio analiza las

[1] MBA em Gestão Educacional - Ivy Enber Christian University.
[2] Bacharel em Ciências Contábeis - Ivy Enber Christian University.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

concepciones y prácticas evaluativas adoptadas por los docentes, los desafíos tecnológicos enfrentados y las posibilidades para la construcción de una evaluación formativa e inclusiva. Los resultados indican que, a pesar de los avances tecnológicos, predominan prácticas evaluativas tradicionales y sumativas, poco adecuadas a las especificidades de la EJA. Se destacan también dificultades relacionadas con la formación docente y el acceso de los estudiantes a las tecnologías digitales. Por otro lado, experiencias innovadoras como el uso de portafolios digitales y la evaluación reflexiva señalan caminos hacia una evaluación más participativa y contextualizada. La investigación enfatiza la necesidad de resignificar el papel del profesor y personalizar las prácticas evaluativas para promover la inclusión y el éxito de los estudiantes. Se concluye que la evaluación en la EJA a distancia debe replantearse para atender las demandas sociales y pedagógicas de este público

***PALABRAS CLAVE**: Evaluación del aprendizaje. Educación de jóvenes y adultos. Educación a distancia. Prácticas docentes. Inclusión educativa.*

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa, historicamente, uma modalidade educacional voltada à promoção da justiça social, ao garantir o direito à escolarização de pessoas que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade regular. Tal modalidade reflete as desigualdades sociais do país e as cicatrizes deixadas por processos excludentes do sistema educacional brasileiro, sendo permeada por uma multiplicidade de sujeitos, trajetórias e contextos. No cenário contemporâneo, a oferta da EJA na modalidade a distância (EaD) emerge como alternativa estratégica para ampliar o acesso à educação, sobretudo para populações adultas que enfrentam dificuldades de tempo, deslocamento, trabalho e responsabilidades familiares. No entanto, essa transposição do ensino presencial para o virtual impõe desafios significativos à prática pedagógica — em especial, aos processos avaliativos.

A avaliação da aprendizagem configura-se como um dos pilares essenciais da prática educativa, sendo responsável por diagnosticar, acompanhar e orientar o percurso formativo dos educandos. No contexto da EJA, essa função adquire particularidades que exigem abordagens sensíveis às experiências e especificidades dos sujeitos, muitas vezes marcados por trajetórias de fracasso escolar, estigmatização e evasão. Quando transposta para ambientes virtuais, a avaliação requer novas estratégias metodológicas e conceituais, que desafiam os professores a repensarem suas práticas e concepções. É nesse contexto que emerge a problemática central deste estudo: quais são as práticas e concepções docentes sobre a avaliação da aprendizagem na EJA a distância?

A avaliação, longe de ser uma simples aferição de conhecimentos, deve ser compreendida como um processo contínuo, dialógico e emancipador (Luckesi, 2011). Essa perspectiva crítica contrasta com práticas tradicionais e conteudistas que, frequentemente, ainda predominam, inclusive nos cursos ofertados via EaD. Além disso, no ambiente virtual, fatores como a limitação da interação direta, o uso de plataformas digitais padronizadas, e a ausência de formação

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

específica dos docentes para atuarem com esse público e nessa modalidade, tornam o ato avaliativo ainda mais desafiador. O distanciamento físico, por exemplo, pode dificultar a compreensão das reais necessidades dos alunos, o que afeta diretamente a eficácia da avaliação como ferramenta de acompanhamento e intervenção pedagógica.

Outro aspecto importante refere-se às concepções docentes sobre o que significa avaliar. Estudos indicam que muitos professores ainda compreendem a avaliação como um instrumento meramente classificatório, voltado à aprovação ou reprovação, em detrimento de uma abordagem diagnóstica e formativa (Hoffmann, 2012; Perrenoud, 1999).

Essa visão, quando aplicada à EJA na modalidade EaD, pode agravar as desigualdades já enfrentadas pelos estudantes, ao desconsiderar suas trajetórias, ritmos e contextos socioculturais. Por outro lado, também é possível identificar experiências positivas, em que os docentes adotam práticas avaliativas inovadoras, flexíveis e centradas na aprendizagem significativa, demonstrando que há possibilidades concretas de ressignificar a avaliação na EJA a distância.

Diante desse panorama, este artigo tem como objetivo analisar as práticas e concepções docentes sobre a avaliação da aprendizagem na EJA a distância, buscando identificar os principais desafios e apontar possibilidades pedagógicas que favoreçam uma avaliação mais dialógica, inclusiva e coerente com os princípios da EJA. Para tanto, optou-se por uma revisão bibliográfica que contempla autores clássicos e contemporâneos da área da avaliação e da educação de jovens e adultos, além de estudos recentes sobre a EaD e suas interfaces com a prática docente.

Assim sendo, entende-se que investigar como os professores têm lidado com a complexa tarefa de avaliar na EJA a distância incide em contribuir para o aprofundamento teórico e prático do tema, bem como subsidiar a formação continuada de educadores que atuam nessa modalidade. Em tempos de transformação digital e reconfiguração das práticas educativas, pensar a avaliação a partir de um olhar crítico e sensível às interseccionalidades da EJA é uma exigência ética e pedagógica.

1. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), enquanto modalidade voltada à garantia do direito à educação para sujeitos que não puderam acessar ou permanecer no ensino regular na idade apropriada, carrega uma trajetória marcada por lutas sociais, políticas públicas intermitentes e desafios estruturais. Quando articulada à Educação a Distância (EaD), essa modalidade assume contornos ainda mais complexos, ao tentar conciliar as especificidades do público da EJA com os modelos pedagógicos mediados por tecnologias digitais. Tal intersecção exige reflexões cuidadosas sobre as finalidades, os métodos e os sentidos do processo educativo oferecido a esses sujeitos.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

A EJA é, por definição, uma modalidade que deve respeitar os tempos, ritmos e experiências de vida de seus educandos. Como afirmam Arroyo e Gauthier (2003), os sujeitos da EJA são marcados por trajetórias descontinuadas, inseridos em contextos de vulnerabilidade social e geralmente associados à condição de trabalhadores, o que implica a construção de estratégias pedagógicas inclusivas e respeitosas à sua realidade concreta. Neste sentido, a EaD pode representar uma oportunidade importante para superar barreiras logísticas e ampliar o acesso à educação, sobretudo em territórios onde a oferta presencial é escassa. Contudo, essa ampliação do acesso não pode ser confundida com garantia de permanência e aprendizagem significativa.

A EaD, ao mediar o processo ensino-aprendizagem por meio de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), apresenta potencialidades como a flexibilidade de horários, autonomia na organização dos estudos e a diversificação de recursos didáticos. No entanto, esses aspectos só se tornam vantajosos quando acompanhados de um suporte pedagógico e tecnológico adequado, o que nem sempre ocorre na prática. Para Kenski (2013), a EaD exige mais do que infraestrutura: ela requer uma mudança de paradigma educacional, onde o aluno é protagonista e o professor atua como mediador crítico do conhecimento. No caso da EJA, tal exigência é ainda mais acentuada, dada a necessidade de considerar os saberes prévios dos educandos, sua baixa familiaridade com o ambiente digital e possíveis limitações no domínio da leitura e escrita.

A transposição dos currículos da EJA para plataformas digitais, muitas vezes, é feita de maneira apressada, sem a devida adaptação metodológica. Como alerta Paiva (2020), há um risco de se replicar na EaD as mesmas lógicas conteudistas e transmissivas do ensino tradicional, o que compromete o potencial emancipador da EJA. A ausência de formação docente específica para trabalhar com essa articulação também é um fator limitante. Muitos professores relatam dificuldades para elaborar atividades avaliativas que considerem as realidades dos estudantes, bem como para utilizar os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) de forma interativa e crítica (Silva; Moura, 2021).

Estudos mais recentes indicam que a EaD pode ser um instrumento valioso na democratização da EJA, desde que articulada a políticas públicas integradas, que incluam acesso à internet, dispositivos tecnológicos, formação docente e suporte pedagógico contínuo (Gomes; Mattos, 2022). O uso de plataformas digitais deve ser orientado por princípios pedagógicos que valorizem o diálogo, a problematização e a construção coletiva do conhecimento, em consonância com a proposta freireana de educação libertadora (Freire, 1996).

Além disso, é fundamental considerar a interseccionalidade das experiências dos sujeitos da EJA na EaD. Questões de gênero, raça, classe social e território impactam diretamente as possibilidades de acesso e sucesso nesse formato. Segundo Ribeiro (2019), é ilusório pensar que

ISSN: 2675-6218 - RECIMA21
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

a oferta de cursos à distância, por si só, resolverá os problemas estruturais da EJA. É preciso garantir equidade no acesso e condições efetivas de participação, o que demanda políticas públicas comprometidas com a inclusão digital e a valorização da diversidade.

Gomes e Mattos (2022) reiteram que a EJA a distância deve ser pensada não apenas como uma solução tecnológica, mas como um projeto pedagógico comprometido com a justiça social. Superar o abismo entre o potencial e a realidade da EaD na EJA exige investimento, pesquisa, inovação e, sobretudo, o reconhecimento dos educandos como sujeitos de direito e de saberes. Assim, construir uma EJA a distância de qualidade é, antes de tudo, um desafio ético e político.

2. CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação da aprendizagem é um dos eixos centrais da prática pedagógica e adquire significados diversos conforme a concepção de educação adotada. Ao longo da história da educação, as práticas avaliativas passaram por transformações significativas, oscilando entre posturas classificatórias, de controle e verificação, até propostas mais formativas, voltadas à mediação da aprendizagem. Na EJA, essas concepções assumem contornos ainda mais complexos, uma vez que envolvem sujeitos com histórias escolares interrompidas, trajetórias profissionais marcadas pela informalidade e múltiplas vulnerabilidades sociais.

Segundo Luckesi (2011), a avaliação tradicional, de caráter somativo e classificatório, está centrada na aferição de resultados a partir de provas padronizadas, geralmente descoladas do contexto de vida dos estudantes. Essa perspectiva tem como foco principal a seleção, a promoção e a exclusão de alunos, reforçando uma lógica meritocrática que desconsidera desigualdades estruturais. No caso da EJA, essa abordagem é particularmente excludente, pois ignora os saberes construídos ao longo da vida dos sujeitos, bem como seus diferentes ritmos e estilos de aprendizagem.

Em contraponto, a concepção formativa da avaliação propõe um olhar pedagógico voltado à aprendizagem contínua. Para Perrenoud (1999), avaliar formativamente significa utilizar os resultados da avaliação para ajustar as estratégias de ensino, de modo a favorecer o desenvolvimento das competências dos estudantes. Nessa perspectiva, o erro é compreendido como parte do processo de aprendizagem, e não como motivo de punição ou reprovação. Essa abordagem dialoga fortemente com os princípios da EJA, que requerem práticas pedagógicas flexíveis, dialógicas e inclusivas.

Freire (1996) destaca que o ato de avaliar não pode estar desvinculado de uma postura ética e política do educador, comprometida com a emancipação dos educandos. Ele propõe que o processo avaliativo se dê em diálogo com os estudantes, respeitando seus saberes e experiências de vida. Avaliar, nesse sentido, é também escutar e reconhecer o outro como sujeito do

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

conhecimento. Tais princípios são essenciais na EJA, onde o vínculo pedagógico precisa ser fortalecido para superar os traumas escolares e promover a autoestima dos alunos.

Na realidade da EJA, no entanto, ainda se observa uma prevalência de práticas avaliativas pautadas em instrumentos convencionais, como testes e provas escritas, que muitas vezes não dialogam com as realidades dos estudantes. Como apontam Hoffmann (2014) e Vasconcellos (2012), a mudança de concepção avaliativa implica um movimento mais amplo de transformação da prática pedagógica, que exige investimento na formação dos professores, apoio institucional e tempo para planejamento coletivo.

Além disso, os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), característicos da modalidade a distância, introduzem novas possibilidades e desafios à avaliação. Recursos como fóruns, portfólios digitais, autoavaliações e rubricas oferecem oportunidades para uma avaliação mais contínua e dialógica. No entanto, o uso adequado desses instrumentos requer formação específica e uma compreensão crítica sobre sua função pedagógica. Como adverte Litto (2009), o simples uso de tecnologia não garante inovação pedagógica, sendo necessário repensar os objetivos, critérios e procedimentos avaliativos à luz do contexto da EJA.

A avaliação da aprendizagem na EJA, portanto, deve ser compreendida como um processo dinâmico, mediador da construção do conhecimento e da autonomia dos estudantes. Não se trata apenas de verificar se os conteúdos foram assimilados, mas de refletir sobre como os sujeitos estão se apropriando do saber e transformando sua relação com o mundo. Essa perspectiva exige do professor um papel mais investigativo e reflexivo, capaz de integrar os aspectos cognitivos, afetivos e sociais do processo educativo.

Hoffmann (2014) destaca que a avaliação na EJA a distância não pode ser dissociada das condições objetivas dos alunos. Logo, as questões como acesso à internet, letramento digital e suporte familiar devem ser consideradas no planejamento avaliativo, sob pena de se aprofundarem as desigualdades já existentes. A avaliação inclusiva e significativa é, portanto, um imperativo ético que contribui para a efetividade e justiça da EJA em ambientes digitais.

3. AVALIAÇÃO NA EAD: DESAFIOS ESPECÍFICOS

A avaliação da aprendizagem na EaD constitui um campo de complexidade crescente, exigindo novos olhares sobre os processos formativos mediados por tecnologias digitais. Ao transpor as atividades de ensino para ambientes virtuais, a avaliação também é impactada, sendo confrontada com desafios específicos que dizem respeito tanto à mediação pedagógica quanto às condições de acesso e permanência dos estudantes.

Na EaD, a avaliação não pode se limitar à simples transposição dos instrumentos tradicionais da modalidade presencial. Segundo Moran (2015), a avaliação em ambientes virtuais demanda formas mais integradas e processuais, que consigam captar as aprendizagens em sua

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

diversidade, respeitando a autonomia do aluno e o ritmo próprio da modalidade. Isso implica pensar em avaliações contínuas, diversificadas e contextualizadas, capazes de oferecer devolutivas pedagógicas significativas aos estudantes.

Um dos principais desafios da avaliação na EaD é a verificação da autoria das atividades realizadas. O ensino remoto amplia as possibilidades de consulta e colaboração, o que pode comprometer a autenticidade das respostas se os critérios avaliativos forem puramente conteudistas ou mecanicistas. Para Litto (2009), é necessário desenvolver estratégias de avaliação baseadas em projetos, portfólios, fóruns de discussão e atividades colaborativas, que estimulem a reflexão e o posicionamento crítico dos estudantes, reduzindo a ênfase em provas objetivas e questionários de múltipla escolha.

Além disso, o distanciamento físico entre professor e aluno pode dificultar a construção de vínculos pedagógicos que sustentem práticas avaliativas formativas. Avaliar de maneira humanizada em ambientes virtuais exige intencionalidade, escuta ativa e acompanhamento individualizado. Como aponta Silva (2020), o professor na EaD precisa atuar como mediador e facilitador da aprendizagem, não apenas como transmissor ou verificador de conteúdos. Isso exige planejamento, domínio das tecnologias educacionais e sensibilidade às necessidades específicas dos estudantes, especialmente em contextos como a EJA,

Outro aspecto crítico refere-se à exclusão digital, que afeta diretamente a participação efetiva dos alunos nos processos avaliativos. Muitos estudantes da EJA a distância enfrenta dificuldades de acesso à internet, baixa familiaridade com recursos tecnológicos e ausência de apoio domiciliar. Esses fatores geram obstáculos à realização das atividades avaliativas, à comunicação com os tutores e ao engajamento nas plataformas. Como destacam Belloni (2009) e Kenski (2012), é fundamental considerar a infraestrutura tecnológica e o letramento digital dos alunos como parte do planejamento avaliativo, sob pena de perpetuar desigualdades já existentes no sistema educacional.

A avaliação na EaD também demanda maior clareza nos critérios e objetivos esperados. Em ambientes virtuais, onde o *feedback* não é imediato e os ruídos de comunicação são mais frequentes, o detalhamento das orientações e dos critérios de avaliação é essencial. Para Valente (2011), a transparência avaliativa é um princípio ético que garante o direito do estudante de compreender os parâmetros sob os quais será avaliado, promovendo maior autonomia e envolvimento no processo.

Por fim, cabe destacar que a formação docente é um elemento-chave para o enfrentamento dos desafios avaliativos na EaD. Muitos professores ainda reproduzem práticas tradicionais, mesmo em ambientes virtuais, por não terem sido formados para pensar a avaliação como processo dinâmico e mediador. Segundo Behar (2019), investir na formação pedagógica e

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

tecnológica dos docentes é condição indispensável para a construção de práticas avaliativas mais justas, participativas e emancipadoras.

Nesse sentido, Behar (2019) observar que o processo de avaliar na EaD exige mais do que adaptação de instrumentos: requer uma mudança de paradigma que articule tecnologia, intencionalidade pedagógica e compromisso com a equidade. Na EJA a distância, esse compromisso precisa ser ainda mais forte, considerando os múltiplos desafios sociais e educacionais enfrentados pelos estudantes.

4. PRÁTICAS E CONCEPÇÕES DOCENTES SOBRE AVALIAÇÃO NA EJA A DISTÂNCIA

As práticas e concepções dos docentes sobre avaliação na EJA, especialmente em sua modalidade a distância, constituem um elemento central para a efetividade do processo pedagógico e para o êxito do estudante. Ao lidarem com públicos marcados por trajetórias escolares interrompidas, desigualdades sociais e múltiplas vulnerabilidades, os professores da EJA a distância é desafiada a construir práticas avaliativas que não apenas mensurem desempenho, mas promovam a inclusão e valorizem os saberes dos educandos.

Tradicionalmente, as concepções docentes sobre avaliação têm sido fortemente influenciadas por abordagens classificatórias e punitivas, em que o foco está no erro e na atribuição de notas. Segundo Luckesi (2011), esse modelo de avaliação do tipo somativa e excludente ainda predomina em grande parte do sistema educacional brasileiro, dificultando uma prática pedagógica voltada para a emancipação dos sujeitos. No contexto da EJA, essa lógica é especialmente problemática, pois tende a reforçar sentimentos de fracasso escolar e desvalorização pessoal entre estudantes historicamente marginalizados.

Na EaD, tais concepções ganham novas camadas de complexidade. A distância física entre educador e educando, mediada pelas TDICs, exige um redimensionamento das práticas pedagógicas e avaliativas. Professores que atuam na EJA a distância frequentemente enfrentam o desafio de equilibrar exigência e acolhimento, buscando instrumentos que permitam não apenas verificar a aprendizagem, mas incentivá-la. Para Freire (1996), educar é um ato de amor e responsabilidade, e a avaliação, nesse sentido, deve ser compreendida como um processo dialógico e permanente, em que o educador assume o papel de parceiro do educando em sua trajetória formativa.

Pesquisas recentes apontam que muitos docentes ainda sentem dificuldades em romper com práticas tradicionais de avaliação, mesmo nos contextos digitais. Um estudo conduzido por Almeida e Valente (2019) revela que a maioria dos professores da EJA na EaD tende a reproduzir modelos avaliativos centrados na entrega de atividades e provas objetivas, com pouca articulação entre os conteúdos e a realidade dos alunos. Essa dissociação compromete o engajamento e a

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

motivação dos estudantes, que muitas vezes não compreendem o sentido da avaliação nem reconhecem nela um espaço de aprendizagem.

Por outro lado, há experiências inovadoras que apontam caminhos possíveis para práticas avaliativas mais significativas. Professores que desenvolvem avaliações formativas, por meio de projetos, fóruns de discussão, vídeos reflexivos e atividades interativas, relatam maior envolvimento dos alunos e maior apropriação dos conteúdos (Behar, 2019). Nesses casos, a avaliação é pensada como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, voltada à construção coletiva do conhecimento, e não como um momento isolado de verificação.

Outro aspecto fundamental refere-se à formação continuada dos professores. Conforme destaca Hoffmann (2018), sem espaços sistemáticos de reflexão crítica sobre a prática avaliativa, os docentes tendem a manter padrões cristalizados, mesmo quando as condições de ensino mudam. A EaD exige domínio de ferramentas tecnológicas, mas também exige sensibilidade pedagógica para lidar com a diversidade dos sujeitos da EJA. A formação deve, portanto, contemplar não apenas os aspectos técnicos, mas também os fundamentos éticos, sociais e humanos da avaliação.

Behar (2019) afirma que as práticas e concepções docentes sobre avaliação na EJA a distância estão em constante disputa entre modelos tradicionais e propostas transformadoras. Para que a avaliação cumpra sua função emancipadora, é necessário que os professores sejam reconhecidos como agentes críticos e reflexivos, capazes de adaptar suas estratégias às especificidades dos estudantes e ao contexto virtual. Como aponta Perrenoud (1999), avaliar é, antes de tudo, um ato político, e cabe ao professor escolher se deseja manter ou transformar a realidade educacional.

5. MÉTODO

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, voltada à análise das práticas e concepções docentes sobre avaliação na EJA a distância. A abordagem qualitativa permite compreender os sentidos atribuídos pelos professores às suas práticas avaliativas e suas articulações com os desafios impostos pelo ensino remoto, considerando aspectos contextuais, subjetivos e formativos.

A coleta de dados foi realizada por meio da seleção e análise de publicações acadêmicas, incluindo artigos científicos, dissertações, teses e livros, disponíveis em bases de dados reconhecidas, como SciELO, Google Scholar, ERIC, CAPES Periódicos, RedALyC e DOAJ. O recorte temporal considerou o período de 2012 a 2023, buscando contemplar uma década de produção científica recente, marcada pelo crescimento da EaD e pelo impacto das transformações digitais na prática docente. Foram analisados 15 artigos científicos como *corpus* da pesquisa.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Foram utilizados como critérios de inclusão: estudos publicados em língua portuguesa ou espanhola, com acesso aberto, que abordassem diretamente a temática da avaliação na EJA, com ênfase na modalidade a distância e na atuação docente. Excluíram-se trabalhos duplicados, com foco exclusivo na educação básica tradicional ou em contextos internacionais sem relação com a realidade brasileira.

A análise dos dados foi realizada por meio da leitura exploratória, seletiva e analítica, conforme proposto por Gil (2017), permitindo identificar as principais categorias temáticas: concepções de avaliação, desafios específicos da EaD, práticas pedagógicas e formação docente. As categorias foram organizadas e discutidas à luz do referencial teórico, buscando compreender os tensionamentos entre teoria e prática.

Por fim, este método permitiu consolidar um panorama atualizado sobre a avaliação na EJA a distância, destacando as tensões, avanços e limitações que permeiam a prática docente nesse campo. A natureza bibliográfica da pesquisa oferece subsídios teóricos importantes para futuras investigações empíricas e para o aprimoramento de políticas públicas e programas de formação de professores.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da revisão bibliográfica permitiram identificar que a avaliação da aprendizagem na EJA a distância é atravessada por múltiplas concepções, práticas docentes e desafios que se manifestam de maneira particular, tendo em vista as especificidades do público jovem e adulto, bem como as características do ambiente virtual de aprendizagem. A literatura aponta que, embora haja avanços no uso de tecnologias educacionais, a avaliação ainda permanece, em muitos contextos, atrelada a uma lógica tradicional e classificatória, pouco condizente com os pressupostos emancipatórios da EJA (Hadji, 2001; Freire, 1996).

Entre os achados mais recorrentes está a predominância de concepções avaliativas de caráter somativo, voltadas à mensuração de resultados por meio de provas, questionários fechados e atividades padronizadas. Diversos estudos indicam que tais instrumentos, quando descontextualizados da realidade dos sujeitos da EJA, comprometem a efetividade da avaliação como processo formativo (Luckesi, 2011). A escassez de práticas avaliativas dialógicas, reflexivas e vinculadas à trajetória de vida e aprendizagem dos estudantes é uma limitação frequentemente mencionada na produção científica recente (Costa; Silva, 2020).

Outro ponto de destaque refere-se às dificuldades tecnológicas enfrentadas tanto por professores quanto por estudantes. Em muitos casos, os docentes relatam carência de formação adequada para o uso pedagógico das ferramentas digitais, o que dificulta a elaboração de estratégias avaliativas coerentes com a proposta da EaD. Além disso, os alunos da EJA, frequentemente inseridos em contextos de vulnerabilidade social, encontram barreiras como

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

acesso precário à internet, baixa familiaridade com o uso de plataformas virtuais e pouca autonomia para o estudo online (Souza; Brito, 2021). Tais aspectos impactam diretamente na qualidade e na equidade da avaliação.

A literatura analisada também revela tensões entre a flexibilidade proposta pela EaD e a rigidez de certos modelos avaliativos, que reproduzem práticas escolares tradicionais. Essa contradição gera um descompasso entre a concepção de ensino-aprendizagem e os critérios utilizados para avaliar o progresso dos alunos. Como observa Perrenoud (1999), a avaliação precisa acompanhar as transformações do ensino e considerar as condições reais de aprendizagem, sobretudo quando se trata de estudantes adultos com trajetórias escolares interrompidas ou marcadas por experiências negativas.

Nesse sentido, algumas experiências relatadas nos estudos apontam caminhos inovadores e promissores para a avaliação na EJA a distância. O uso de portfólios digitais, fóruns reflexivos, autoavaliação e projetos integradores aparece como alternativa para promover uma avaliação mais participativa, processual e coerente com os princípios da educação emancipadora (Freire, 1996; Hoffmann, 2013). Tais práticas valorizam os saberes prévios dos estudantes, estimulam a autorreflexão e favorecem o acompanhamento contínuo da aprendizagem.

Um aspecto relevante identificado foi a necessidade de ressignificar o papel do professor na EaD, especialmente no que se refere à mediação avaliativa. A revisão evidenciou que o docente precisa atuar não apenas como transmissor de conteúdo ou elaborador de atividades, mas como formador crítico, capaz de interpretar os percursos individuais de aprendizagem, fornecer *feedbacks* construtivos e adaptar estratégias de avaliação às singularidades do público da EJA (Moran, 2015). Essa perspectiva requer investimentos em formação continuada que articule teoria e prática, considerando os desafios sociotecnológicos da modalidade.

Também foi recorrente na literatura a crítica à padronização dos instrumentos avaliativos adotados por muitas instituições que ofertam a EJA a distância. Essa padronização, além de desconsiderar as múltiplas dimensões da aprendizagem, impõe aos professores limitações para desenvolverem práticas avaliativas contextualizadas e sensíveis às diferenças de gênero, raça, classe e trajetórias educacionais dos estudantes (Silva; Nascimento, 2019). Portanto, a personalização da avaliação é apontada como caminho necessário para garantir uma educação verdadeiramente inclusiva.

Por fim, a análise revelou a importância da escuta ativa dos estudantes da EJA no processo avaliativo. Vários autores defendem que, na EaD, o protagonismo dos alunos pode ser ampliado por meio de práticas colaborativas e interativas, como a construção coletiva de critérios de avaliação, o uso de *feedbacks* entre pares e a integração de vivências pessoais às tarefas acadêmicas (Moran, 2015; Hoffmann, 2013). Essas estratégias tornam a avaliação mais democrática e coerente com os princípios da educação popular.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Sendo assim, os resultados e discussões desta revisão bibliográfica indicam que a avaliação da aprendizagem na EJA a distância ainda enfrenta desafios significativos, especialmente no que se refere à superação de práticas excludentes, à formação docente e à adaptação das estratégias avaliativas às realidades socioculturais dos estudantes. No entanto, também evidenciam a existência de propostas inovadoras e críticas, que podem servir de referência para transformar a avaliação em um instrumento pedagógico robusto, formativo e inclusivo.

7. CONSIDERAÇÕES

A avaliação da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA) a distância revela-se um campo complexo e desafiador, marcado por tensões entre práticas tradicionais e as demandas específicas desse público e modalidade. A predominância de avaliações somativas e padronizadas mostra-se incompatível com os princípios emancipatórios que devem nortear a EJA, especialmente na EaD, onde as possibilidades de mediação e acompanhamento diferenciado são ampliadas.

Os desafios tecnológicos, tanto para professores quanto para estudantes, evidenciam a necessidade urgente de formação docente que articule competências digitais e pedagógicas, bem como políticas públicas que minimizem as desigualdades de acesso e uso das tecnologias. A construção de estratégias avaliativas flexíveis, contextualizadas e participativas aparece como fundamental para que a avaliação cumpra seu papel formativo e inclusivo.

As experiências exitosas de avaliação formativa na EaD, como o uso de portfólios digitais, autoavaliação e atividades reflexivas, indicam caminhos para superar a rigidez dos modelos tradicionais. Contudo, a efetivação dessas práticas depende do engajamento dos docentes e da valorização do protagonismo dos estudantes, aspectos que demandam mudanças estruturais e culturais nas instituições educacionais.

Além disso, destaca-se a necessidade de ressignificar o papel do professor como mediador crítico do processo avaliativo, capacitando-o para atuar de forma reflexiva e sensível às diversidades sociais e culturais presentes no contexto da EJA. A personalização da avaliação deve ser considerada um eixo central para garantir a inclusão e a efetividade da aprendizagem.

Portanto, este estudo reforça a importância de continuar investigando e implementando práticas avaliativas inovadoras e contextualizadas na EJA a distância, com vistas à construção de uma educação mais democrática, justa e significativa para jovens e adultos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; VALENTE, José Armando. **Formação de professores para o uso pedagógico das tecnologias:** práticas inovadoras em foco. São Paulo: Loyola, 2019.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

ARROYO, Miguel; GAUTHIER, Edith. **Os sujeitos da EJA:** experiências e saberes. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BEHAR, Patrícia Alejandra (org.). **Modelos pedagógicos para EaD:** do presencial ao virtual. Porto Alegre: Penso, 2019.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

COSTA, A. M.; SILVA, R. S. Concepções docentes e avaliação na EJA: limites e possibilidades na educação a distância. **Revista Práxis Educacional,** Vitória da Conquista, v. 16, n. 41, p. 320-339, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOMES, Mônica; MATTOS, Sérgio. Inclusão digital e desafios pedagógicos na EJA a distância. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 9, n. 18, p. 52-68, 2022.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMANN, J. **Avaliação para aprender***:* uma prática em construção da pré-escola à universidade. 19. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação:** mito e desafio. 25. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover***:* as setas do caminho. 20. ed. Porto Alegre: Mediação, 2018.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias***:* o novo ritmo da informação. 6. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias***:* o novo ritmo da informação. 7. ed. Campinas: Papirus, 2013.

LITTO, Fredric M. Avaliação em cursos on-line. *In:* LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (org.). **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 281-295.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos***:* novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2015.

PAIVA, Vanilda. A EJA na EaD: novas mediações, velhos desafios. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 1, p. 1-20, 2020.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, A. C.; NASCIMENTO, L. G. da S. Avaliação da aprendizagem na EJA mediada por tecnologias digitais: desafios à prática docente. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 28, p. 1-16, 2019. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br. Acesso em: 10 maio 2025.

SILVA, Lúcia Helena da; MOURA, Rita de Cássia. Desafios da docência na EJA a distância: entre a exclusão digital e a reinvenção pedagógica. **Educação & Sociedade**, v. 42, e023456, 2021.

SILVA, Marco Antonio da. Avaliação da aprendizagem na educação a distância: desafios e possibilidades. **Revista Práxis Educacional**, v. 16, n. 42, p. 349-368, 2020.

SOUZA, M. S.; BRITO, T. R. Avaliação da aprendizagem na EJA/EaD: barreiras tecnológicas e desafios metodológicos. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 204-223, 2021. Disponível em: https://revista.cenpec.org.br. Acesso em: 10 maio 2025.

VALENTE, José Armando. **Ensino e aprendizagem com tecnologias:** repensando a educação. Campinas: Unicamp/NIED, 2011.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem**: práticas de mudança - por uma práxis transformadora. São Paulo: Libertad, 2012.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.